Tambor de Anna Érika

Pode e é necessário, uma preta majestosa, os voduns comunicar. Não apenas com um rosário, a magia do adoxu das filhas negras em transe girar. Caçula, Abiã reserva-te teu feitiço e enegresce teu ser. Preta gingando no nilo, costura tuas tranças, coroa-te com turbante, faz teu ancestre florescer.

sente a força de olorum, tua casa está aqui. sente a força de mawu, tua casa está aqui sente a força de zambi, tua casa está aqui

Mulher reverbera teu grito, resiste, comanda a gira e incorpora tens ao lado Naña, Iemanjá, Iansã, Ewá, Oxum, Obá, todas elas Iabás veste tua indumentária, transcende tua glória no agora Matriarca é quem comanda e encanta os voduns, nkisis e orixás.

Yami oxorongá, bruxa preta enfrenta o mal que te assujeita Faz com que qualquer um te respeita Brada teu grito visceral, erga o punho efusivo.

Menina mina como preta, te tornarás mulher. Saluba Nanã, traz tuas filhas ao mundo e recolhe-las na morte. Odoyá Iemanjá, rainha do mar, fecunda sonhos nos presságios que vier. Eparrey Iansã, tira o lar como missão das tuas filhas e guia os ventos para a sorte. Ora iê iê ô Oxum, permite o afeto das relações em quem viver. Obá sirê Obá, não temes ao ódio dos homens e perpetua a mulher forte. Ri ró Ewá, segues os caminhos traçados e trançados pelas raízes ancestrais

Vibre a força do jeje-nagô, bantu, ketu, tua casa está aqui. Este chão que aqui pisamos deste território é esteira.

Teus domínios, teu império divino, assentado em áfrica No Brasil, não te calas ao intento de algoz seu Não deixe a energia do sagrado feminino Vir do sistema cisheteropatriarcal eurocentrado devastar seu ser Eita nação, preta guerreira!, comanda o tambor da diva ó deusa mãe, de áfrica, afrolatina, caribenha, do sul global, da cabaça há de ser mulher, deusas serão se assim quiser borda sua escrevivência e oralitura desta encruzilhada.

Perdão Matriarca, por todos aqueles que ceifam suas filhas No Baobá, quero me consolar em teu colo, mãe áfrica Afrodesce meu cantar em tuas giras

Não deixa que as minas pretas esqueçam de seu feitiço de poder conhecer e saber rainha de turbante, vens com as Iabás e faz o mundo estremecer bate paó e faz clamar o tambor, canta dia canta noite, do alvorecer ao resplandecer vocifera em transe como guia de um povo que, o colonialismo, há de vencer.

Na sankofa, quero contemplar vossa matripotência.

Na intimidade do dengo e da sabedoria abomalè

Quero entregar todo o meu saber aos meus mais novos.

Nessa fumaça inebriante do saber dos meus mais velhos, hoje aqui

Quero tomar borí das mãos de quem um dia foi.

Obí deste ojubó seremos, a luta de quem nos encantou.

no alto da cabaça para o regresso ao orun, Anna Érika se ancestralizou como griô.

Amadeuza Batista



